

GEORGE GORDON BYRON – When We Two Parted; Lines Inscribed Upon a Cup Formed From a Skull; Remind Me Not, Remind Me Not; And Thou Art Dead, As Young and Fair; She Walks in Beauty; The Destruction of Sennacherib; A Spirit Pass'd Before Me; Darkness; Prometheus; So, We'll Go No More a Roving

C. Leonardo B. Antunes e Bruno Palavro

Número 02, julho de 2019

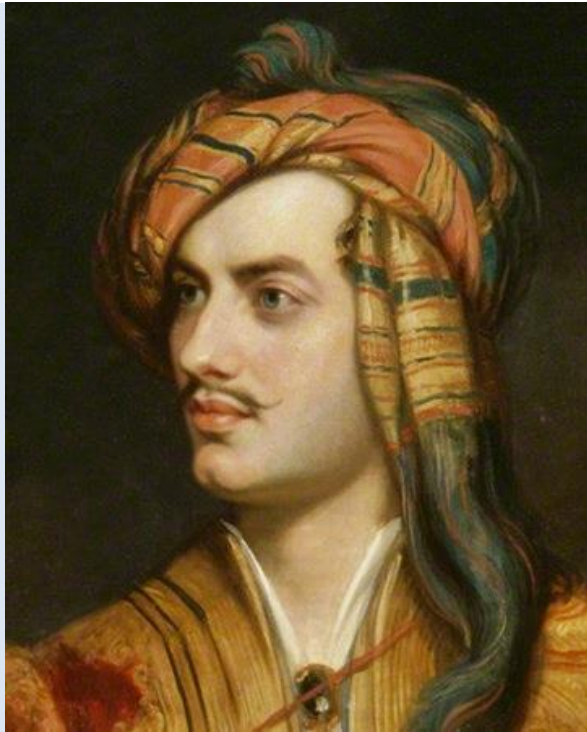
URL: www.revista-acacia.com.br/2019/01/george-gordon-byron

www.revista-acacia.com.br



Como citar esta tradução

BYRON, George Gordon. When We Two Parted; Lines Inscribed Upon a Cup Formed From a Skull; Remind Me Not, Remind Me Not; And Thou Art Dead, As Young and Fair; She Walks in Beauty; The Destruction of Sennacherib; A Spirit Pass'd Before Me; Darkness; Prometheus; So, We'll Go No More a Roving. Tradução, prefácio e notas: C. Leonardo B. Antunes e Bruno Palavro. **Acácia - revista de tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 91-131, 2019. ISSN 2595-3915. Disponível em: <http://www.revista-acacia.com.br/2019/01/george-gordon-byron>.



Sobre o autor

George Gordon Byron — mais conhecido como Lord Byron — foi um poeta britânico. Nasceu em Londres, 1788, e morreu em Mesolónqi, 1824, na Grécia ocidental. Amplamente reconhecido por sua lírica romântica, publicou ainda poemas narrativos com teor autobiográfico, como *Childe Harold's Pilgrimage*, e satíricos, como o famoso *Don Juan*. Sua vida pessoal foi bastante peculiar: narcisista e aristocrático, contraiu várias dívidas, envolveu-se em inúmeros casos amorosos com jovens homens e mulheres (inclusive numa empreitada ousada sobre sua meia-irmã), autoexilou-se e viajou por toda a Europa (onde chegou a conhecer o casal de escritores Percy e Mary Shelley), criou cães de diversas raças, macacos e uma raposa no andar térreo de sua casa e lutou contra o Império Otomano pela independência da Grécia. Sua melancolia, fantasmagoria e sentimentalismo foram matéria para toda a geração ultrarromântica brasileira, tendo influenciado poetas como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Francisco Otaviano.

Sobre o texto

Para esta antologia mínima, são apresentados 10 dos poemas favoritos dos tradutores, selecionados a partir dos mais famosos de Byron (desconsiderando-se os épicos). As traduções são todas métricas, procurando emular o desenho rítmico do texto de partida, mas frequentemente adotando versos um pouco mais longos. Foram mantidos os padrões de rimas e o número de versos dos textos de partida. Toda a obra de Lord Byron está em domínio público.

Sobre os tradutores

C. Leonardo B. Antunes é poeta, tradutor e professor de língua e literatura grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tradutor do *Édipo Tirano* de Sófocles (Todavia, 2018), atualmente trabalha em uma tradução da *Ilíada* em decassílabos duplos. Para esta antologia, traduziu os poemas: “*When We Two Parted*”, “*Lines Inscribed Upon a Cup Formed From a Skull*”, “*She Walks in Beauty*”, “*Darkness*”, “*So, We’ll Go No More a Roving*”. E-mail: leonardo.antunes@ufrgs.br.

Bruno Palavro é graduando em Licenciatura em Letras – Português e Grego na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pela Revista Acácia, já publicou uma tradução para poemas selecionados de Edgar Allan Poe, e atualmente desenvolve uma tradução hexamétrica para a obra poética de Hesíodo. Para esta antologia, traduziu os poemas: “*Remind Me Not, Remind Me Not*”, “*And Thou Art Dead, As Young and Fair*”, “*The Destruction of Sennacherib*”, “*A Spirit Pass’d Before Me*”, “*Prometheus*”. E-mail: brunopalavro@gmail.com.

WHEN WE TWO PARTED

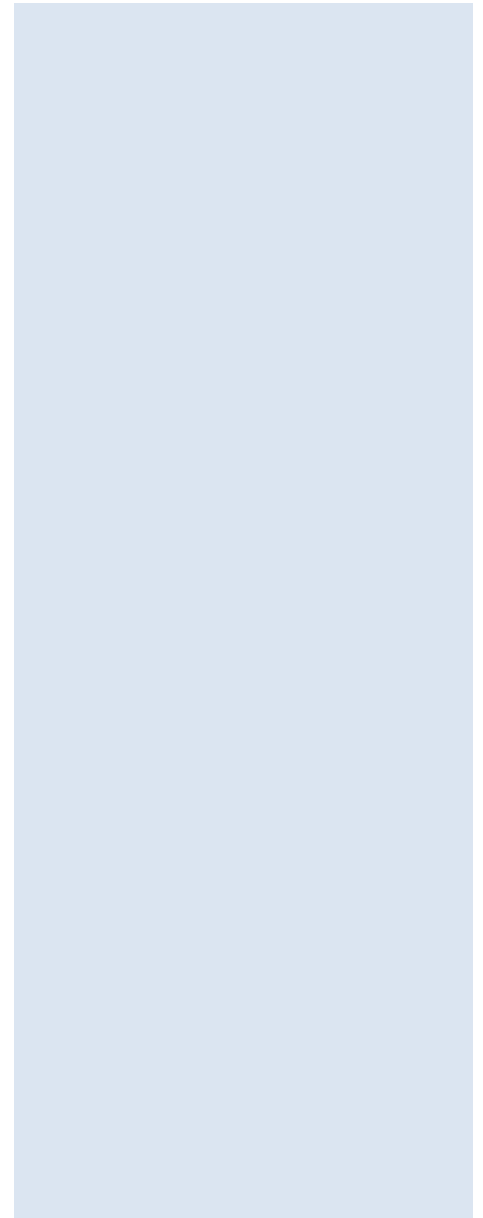
When we two parted
In silence and tears,
Half broken-hearted
To sever for years,
Pale grew thy cheek and cold,
Colder thy kiss;
Truly that hour foretold
Sorrow to this.

The dew of the morning
Sunk chill on my brow—
It felt like the warning
Of what I feel now.
Thy vows are all broken,
And light is thy fame:
I hear thy name spoken,
And share in its shame.

They name thee before me,
A knell to mine ear;
A shudder comes o'er me—
Why wert thou so dear?
They know not I knew thee,
Who knew thee too well:—
Long, long shall I rue thee,
Too deeply to tell.

In secret we met—
In silence I grieve,

That thy heart could forget,
Thy spirit deceive.
If I should meet thee
After long years,
How should I greet thee?
With silence and tears.



QUANDO PARTIMOS OS DOIS

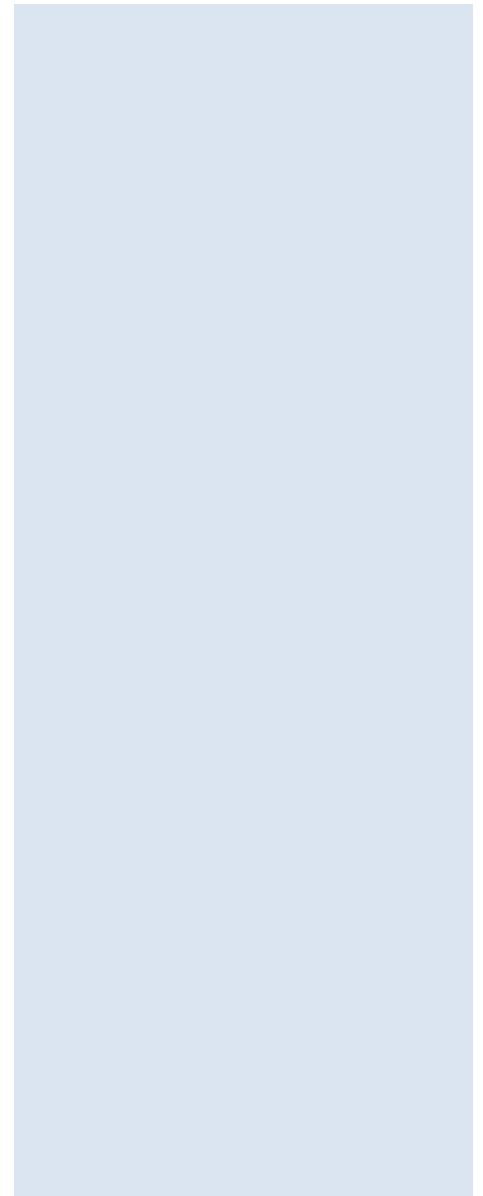
Quando partimos os dois
Em silêncio e chorando,
Com grande dor que depois
Foi somente aumentando,
A tua face era fria
E mais frio teu carinho;
Aquela hora previa
A tristeza a caminho.

Meu semblante pesava
Sob o orvalho da aurora —
Já decerto esperava
O sentimento de agora.
Tu perdeste o renome,
Tua jura foi rota;
Eu escuto o teu nome
E partilho a derrota.

Se teu nome eu escuto,
O coração já dispara;
Sinto como se em luto —
Por que tu foste tão cara?
Não sabem que eu te conheço,
Conheci muito bem —
Não há nem fim nem começo
Para a dor que me tem.

Em segredo reunidos —
Em silêncio lamento:

Teu coração esquecido,
Teu pendor fraudulento.
Se por acaso encontrar-te
Mais tarde, não sei quando,
Como é que eu irei saudar-te? —
Em silêncio e chorando.



LINES INSCRIBED UPON A CUP FORMED FROM A SKULL

Start not—nor deem my spirit fled;
In me behold the only skull
From which, unlike a living head,
Whatever flows is never dull.

I lived, I loved, I quaff'd, like thee:
I died: let earth my bones resign;
Fill up—thou canst not injure me;
The worm hath fouler lips than thine.

Better to hold the sparkling grape,
Than nurse the earth-worm's slimy brood;
And circle in the goblet's shape
The drink of gods, than reptile's food.

Where once my wit, perchance, hath shone,
In aid of others' let me shine;
And when, alas! our brains are gone,
What nobler substitute than wine?

Quaff while thou canst: another race,
When thou and thine like me are sped,
May rescue thee from earth's embrace,
And rhyme and revel with the dead.

Why not? since through life's little day
Our heads such sad effects produce;
Redeem'd from worms and wasting clay,
This chance is theirs, to be of use.

VERSOS GRAVADOS NUMA TAÇA FEITA DE UM CRÂNIO

Não te assustes — nem penses que minha alma é finda;
Em mim contemplarás a única caveira,
Da qual, contrário ao crânio de quem vive ainda,
Jamais verás sair de dentro alguma asneira.

Eu vivi, eu amei, eu bebi, como tu;
Eu morri; mas a terra não terá meus restos;
Enche logo — não vais me causar mal algum;
Os vermes tinham lábios muito mais infestos.

Prefiro dar abrigo às uvas borbulhantes
Que para as crias asquerosas da minhoca;
Ser habitado, no interior do meu semblante,
Pelo néctar dos deuses, que por água choca.

Onde outrora, talvez, brilhasse a minha mente,
No auxílio de outras mais eu brilharei sozinho;
Tão logo, oh céus! os nossos cérebros se ausentem,
Melhor trocá-los pelo quê se não por vinho?

Por isso bebe enquanto a vida não se encerra;
Depois que se acabar de vez esse conforto,
Talvez também te salvem de dentro da terra
E façam versos, façam drinques com o morto.

Por que não? Pelo pouco que a vida nos dura,
Nossas cabeças causam tanta inquietação;
Resgatadas dos vermes e da terra escura,
Agora finalmente têm uma função.

REMIND ME NOT, REMIND ME NOT

Remind me not, remind me not,
Of those beloved, those vanish'd hours,
When all my soul was given to thee;
Hours that may never be forgot,
Till Time unnerves our vital powers,
And thou and I shall cease to be.

Can I forget—canst thou forget,
When playing with thy golden hair,
How quick thy fluttering heart did move?
Oh! by my soul, I see thee yet,
With eyes so languid, breast so fair,
And lips, though silent, breathing love.

When thus reclining on my breast,
Those eyes threw back a glance so sweet,
As half reproach'd yet raised desire,
And still we near and nearer prest,
And still our glowing lips would meet,
As if in kisses to expire.

And then those pensive eyes would close,
And bid their lids each other seek,
Veiling the azure orbs below;
While their long lashes' darken'd gloss
Seem'd stealing o'er thy brilliant cheek,
Like raven's plumage smooth'd on snow.

I dreamt last night our love return'd,

And, sooth to say, that very dream
Was sweeter in its phantasy,
Than if for other hearts I burn'd,
For eyes that ne'er like thine could beam
In rapture's wild reality.

Then tell me not, remind me not,
Of hours which, though for ever gone,
Can still a pleasing dream restore,
Till Thou and I shall be forgot,
And senseless, as the mouldering stone
Which tells that we shall be no more.

NÃO VOU LEMBRAR, NÃO VOU LEMBRAR

Não vou lembrar, não vou lembrar
Daquele amor, das horas idas,
Da alma toda que te dei;
Do que jamais se esquecerá
Até que o Tempo enerve as vidas:
Tu cessarás, eu cessarei.

Vou esquecer — vais esquecer
Do jogo em teus castanhos cachos,
Teu coração tão saltador?
Minh'alma, sim, posso te ver,
Teus olhos languens, seio lasso —
Silêncio aos lábios sopra amor.

E já em meu seio reclinando,
O teu olhar se lança doce
Entre pudor e mais desejo;
E mais e mais nos apertando
Em brasa os lábios, como fosse
Tão logo se extinguir em beijos.

Teus olhos plácidos se fecham
Buscando as pálpebras com gosto,
Velando o âmbar tão de leve;
Teus longos cílios negros deixam
Pela clareza do teu rosto
Plumas de um corvo em meio à neve.

Sonhei que nosso amor voltou,

E ontem, a bendizer, a noite
Foi bem mais doce em fantasia
No coração que me queimou:
Não há olhar assim brilhante
Nem numa vida de Euforia.

Então não diz, não vou lembrar
Das horas que, embora passadas,
Revivem sonhos tão joviais;
De ti e de mim se esquecerá —
Inertes, como a pedra gasta
Que diz não sermos nada mais.

AND THOU ART DEAD, AS YOUNG AND FAIR

And thou art dead, as young and fair
As aught of mortal birth;
And form so soft, and charms so rare,
Too soon return'd to Earth!
Though Earth received them in her bed,
And o'er the spot the crowd may tread
In carelessness or mirth,
There is an eye which could not brook
A moment on that grave to look.

I will not ask where thou liest low,
Nor gaze upon the spot;
There flowers or weeds at will may grow,
So I behold them not:
It is enough for me to prove
That what I loved, and long must love,
Like common earth can rot;
To me there needs no stone to tell,
'Tis Nothing that I loved so well.

Yet did I love thee to the last
As fervently as thou,
Who didst not change through all the past,
And canst not alter now.
The love where Death has set his seal,
Nor age can chill, nor rival steal,
Nor falsehood disavow:
And, what were worse, thou canst not see
Or wrong, or change, or fault in me.

The better days of life were ours;
The worst can be but mine:
The sun that cheers, the storm that lowers,
Shall never more be thine.
The silence of that dreamless sleep
I envy now too much to weep;
Nor need I to repine,
That all those charms have pass'd away,
I might have watch'd through long decay.

The flower in ripen'd bloom unmatched
Must fall the earliest prey;
Though by no hand untimely snatch'd,
The leaves must drop away:
And yet it were a greater grief
To watch it withering, leaf by leaf,
Than see it pluck'd to-day;
Since earthly eye but ill can bear
To trace the change to foul from fair.

I know not if I could have borne
To see thy beauties fade;
The night that follow'd such a morn
Had worn a deeper shade:
Thy day without a cloud hath pass'd,
And thou wert lovely to the last,
Extinguish'd, not decay'd;
As stars that shoot along the sky
Shine brightest as they fall from high.

As once I wept, if I could weep,
My tears might well be shed,
To think I was not near to keep
One vigil o'er thy bed;
To gaze, how fondly! on thy face,
To fold thee in a faint embrace,
Uphold thy drooping head;
And show that love, however vain,
Nor thou nor I can feel again.

Yet how much less it were to gain,
Though thou hast left me free,
The loveliest things that still remain,
Than thus remember thee!
The all of thine that cannot die
Through dark and dread Eternity
Returns again to me,
And more thy buried love endears
Than aught except its living years.

ENTÃO MORRESTE, MOÇA E TÃO FORMOSA

Então morreste, moça e tão formosa,
Como qualquer mortal em vida;
Tua forma tenra e graça tão preciosa
Tão cedo à Terra vão partidas!
Mas se a Terra as recebe no seu berço,
Sob uma multidão de pés dispersos
Em alegria ou esquecida,
Existe um triste olhar que não atura
Nem por um lance ver tua sepultura.

Eu não perguntarei onde repousas,
Nem olharei ao tal lugar;
Talvez lá cresçam flores e outras coisas,
Então não quero contemplar,
Pois saber disto já me é o bastante:
Que o que eu amei, o que amarei adiante,
É como a terra mais vulgar;
Não preciso de pedra pra me expor
Que pelo Nada eu tive tanto amor.

Contudo, amei até estar acabado,
Feito tua flama tão vivaz,
Que não mudou ao longo do passado
Nem poderá mudar jamais.
O amor no qual a Morte pôs seu selo
Não podem farsa ou vida enfraquecê-lo
Nem ser levado por rivais;
E pior que fosse, não verás enfim
Mudança ou erro ou culpa sobre mim.

Se foram nossos os melhores dias,
Piores hoje são os meus:
O sol que anima, a tempestade fria
Não mais agora serão teus.
Sem nenhum sonho o silencioso sono
Em vez do choro é o que eu ambiciono;
Nem devo lamentar o adeus
Do teu encanto, súbito ao partir:
Talvez mais lento o visse decair.

A flor mais tenra e fresca tem seu prazo:
Deve tombar, presa recente;
Embora sem que as roube a mão do acaso,
As folhas todas vão cadentes:
E mesmo assim, maior seria a dor
Ao ver secar de folha em folha a flor
Do que arrancada de repente:
O olhar mortal tão só leva tristeza
Ao ver mudança abjeta na beleza.

Eu não aguento ver que se descora
Uma beleza tão fecunda;
A treva que seguiu a tua aurora
Vestiu-se em sombra mais profunda:
Teu dia sem as nuvens é passado,
E foste linda até estar acabado —
Extinta, sim, não moribunda;
Assim estrelas lançam-se às alturas:
Caindo lá do céu, brilham mais puras.

Se enfim chorasse como já chorei,
Seriam lágrimas que aceito,
Sabendo que ao teu lado não fiquei
Para zelar sobre teu leito,
E olhar com afeição a tua face,
E te envolver de leve em meu enlace,
Suster teu rosto já desfeito —
Mostrar que amor, por mais que seja vão,
Não mais teu ser e o meu o sentirão.

Embora a liberdade me pertença,
Por certo seria ruim
Ganhar a mais amável recompensa
Em vez de recordar-te assim;
Pois tudo que de ti é imperecível
Da Eternidade escura e tão terrível
Retorna agora para mim,
E mais o teu amor sepulto aflora
Que tudo, exceto quando vivo outrora.

SHE WALKS IN BEAUTY

She walks in beauty, like the night
Of cloudless climes and starry skies;
And all that's best of dark and bright
Meet in her aspect and her eyes;
Thus mellowed to that tender light
Which heaven to gaudy day denies.

One shade the more, one ray the less,
Had half impair'd the nameless grace
Which waves in every raven tress,
Or softly lightens o'er her face;
Where thoughts serenely sweet express,
How pure, how dear their dwelling-place.

And on that cheek, and o'er that brow,
So soft, so calm, yet eloquent,
The smiles that win, the tints that glow,
But tell of days in goodness spent,
A mind at peace with all below,
A heart whose love is innocent!

ELA CAMINHA EM GRAÇA

Ela caminha em graça, como a noite nua,
Desnuda de suas nuvens, quando o céu fulgura,
E todo o bem das sombras e da luz da lua
Se encontra nos seus olhos e na sua figura,
Mesclado à branda luz que apenas se insinua
Do paraíso à terra nas manhãs mais puras.

Um pouco mais de treva, um pouco mais de luz
Teriam repartido essa delicadeza
Que flui por cada mecha negra ou se traduz
No brilho comedido com que se embeleza
Seu rosto onde pensares doces fazem jus
Ao quão querido e puro ele é por natureza.

E sobre essa bochecha e em todo esse semblante,
Tão delicado e calmo, mas tão eloquente,
Sorrisos que conquistam, cores mais brilhantes,
Porém que contam sobre dias reverentes,
Uma alma em paz com tudo de que está diante,
Um coração em que o amor é inocente!

THE DESTRUCTION OF SENNACHERIB

The Assyrian came down like the wolf on the fold,
And his cohorts were gleaming in purple and gold;
And the sheen of their spears was like stars on the sea,
When the blue wave rolls nightly on deep Galilee.

Like the leaves of the forest when Summer is green,
That host with their banners at sunset were seen:
Like the leaves of the forest when Autumn hath blown,
That host on the morrow lay withered and strown.

For the Angel of Death spread his wings on the blast,
And breathed in the face of the foe as he pass'd;
And the eyes of the sleepers waxed deadly and chill,
And their hearts but once heaved, and for ever grew still!

And there lay the steed with his nostril all wide,
But through it there rolled not the breath of his pride;
And the foam of his gasping lay white on the turf,
And cold as the spray of the rock-beating surf.

And there lay the rider distorted and pale,
With the dew on his brow, and the rust on his mail:
And the tents were all silent, the banners alone,
The lances unlifted, the trumpet unblown.

And the widows of Ashur are loud in their wail,
And the idols are broke in the temple of Baal;
And the might of the Gentile, unsmote by the sword,
Hath melted like snow in the glance of the Lord!

A DESTRUIÇÃO DE SENAQUERIBE

O Assírio surgiu como o lobo do agouro,
E suas tropas brilhavam purpúreas em ouro;
E suas lanças, clarões como estrelas ao mar
Que na azul Galileia se põe a rolar.

Feito as folhas do bosque em verão verdejante,
Ao poente, estandartes marchavam avante:
Feito as folhas do bosque que o outono soprou,
Ao nascente, essa hoste dispersa secou.

Pois o Anjo da Morte alastrou suas penas:
Soprou sobre o sono das faces serenas;
E o olhar do inimigo estancou-se tão frio,
Coração suspirou e pra sempre exauriu!

E ali jaz o corcel com suas ventas imensas,
Mas glória e soberba não mais sopram densas;
E a espuma da ânsia na relva jaz branca,
Tal como a da onda que açoita as barrancas.

E ali jaz cavaleiro, torcido e cinzento,
Armadura em ferrugem, semblante ao relento;
Eram tendas silentes, insígnia isolada;
As lanças, inertes; trombeta, intocada.

Das viúvas de Assur, um lamento fatal,
E as estátuas, quebradas no templo de Baal;
E o poder dos Gentios, sem a espada se opor,
Dissolveu como gelo ao olhar do Senhor!

A SPIRIT PASS'D BEFORE ME

A spirit pass'd before me: I beheld
The face of immortality unveiled—
Deep sleep came down on every eye save mine—
And there it stood,—all formless—but divine:
Along my bones the creeping flesh did quake;
And as my damp hair stiffened, thus it spake:

'Is man more just than God? Is man more pure
Than He who deems even Seraphs insecure?
Creatures of clay—vain dwellers in the dust!
The moth survives you, and are ye more just?
Things of a day! you wither ere the night,
Heedless and blind to Wisdom's wasted light!'

UM ESPÍRITO PASSOU POR MIM

Um espírito passou por mim: eu contemplei
A face em que a imortalidade se retém —
Descera o sono sobre os olhos, salvo os meus —
E ali ficou, sem forma, mesmo como um deus:
Pelos meus ossos, rasa a carne se abalou;
Erguiam-se meus cabelos, e ele assim falou:

“É mais justo que Deus o homem? É mais puro
Do que Ele, que até os anjos julga não seguros?
Crias do barro — conterrâneos da poeira!
Mais justos sois, se mesmo a traça vos supera?
Coisas de um dia, secas já ao anoitecer!
Ingênuas, cegas ao lampejo do Saber!”

DARKNESS

I had a dream, which was not all a dream.
The bright sun was extinguish'd, and the stars
Did wander darkling in the eternal space,
Rayless, and pathless, and the icy earth
Swung blind and blackening in the moonless air;
Morn came and went—and came, and brought no day,
And men forgot their passions in the dread
Of this their desolation; and all hearts
Were chill'd into a selfish prayer for light:
And they did live by watchfires—and the thrones,
The palaces of crowned kings—the huts,
The habitations of all things which dwell,
Were burnt for beacons; cities were consumed,
And men were gather'd round their blazing homes
To look once more into each other's face;
Happy were those who dwelt within the eye
Of the volcanos, and their mountain-torch:
A fearful hope was all the world contain'd;
Forests were set on fire—but hour by hour
They fell and faded—and the crackling trunks
Extinguish'd with a crash—and all was black.
The brows of men by the despairing light
Wore an unearthly aspect, as by fits
The flashes fell upon them; some lay down
And hid their eyes and wept; and some did rest
Their chins upon their clenched hands, and smiled;
And others hurried to and fro, and fed
Their funeral piles with fuel, and look'd up
With mad disquietude on the dull sky,

The pall of a past world; and then again
With curses cast them down upon the dust,
And gnash'd their teeth and howl'd: the wild birds shriek'd
And, terrified, did flutter on the ground,
And flap their useless wings; the wildest brutes
Came tame and tremulous; and vipers crawl'd
And twined themselves among the multitude,
Hissing, but stingless—they were slain for food.
And War, which for a moment was no more,
Did glut himself again:— a meal was bought
With blood, and each sate sullenly apart
Gorging himself in gloom: no love was left;
All earth was but one thought—and that was death
Immediate and inglorious; and the pang
Of famine fed upon all entrails—men
Died, and their bones were tombless as their flesh;
The meagre by the meagre were devour'd,
Even dogs assail'd their masters, all save one,
And he was faithful to a corse, and kept
The birds and beasts and famish'd men at bay,
Till hunger clung them, or the dropping dead
Lured their lank jaws; himself sought out no food,
But with a piteous and perpetual moan,
And a quick desolate cry, licking the hand
Which answer'd not with a caress—he died.
The crowd was famish'd by degrees; but two
Of an enormous city did survive,
And they were enemies: they met beside
The dying embers of an altar-place
Where had been heap'd a mass of holy things
For an unholy usage; they raked up,

And shivering scraped with their cold skeleton hands
The feeble ashes, and their feeble breath
Blew for a little life, and made a flame
Which was a mockery; then they lifted up
Their eyes as it grew lighter, and beheld
Each other's aspects—saw, and shriek'd, and died—
Even of their mutual hideousness they died,
Unknowing who he was upon whose brow
Famine had written Fiend. The world was void,
The populous and the powerful was a lump,
Seasonless, herbless, treeless, manless, lifeless,
A lump of death—a chaos of hard clay.
The rivers, lakes and ocean all stood still,
And nothing stirr'd within their silent depths;
Ships sailorless lay rotting on the sea,
And their masts fell down piecemeal: as they dropp'd
They slept on the abyss without a surge—
The waves were dead; the tides were in their grave,
The moon, their mistress, had expired before;
The winds were wither'd in the stagnant air,
And the clouds perish'd; Darkness had no need
Of aid from them—She was the Universe.

ESCURIDÃO

Eu tive um sonho, que não foi de todo um sonho.
O sol brilhante se extinguiu, e as estrelas
Vagueavam soturnas pelo espaço eterno,
Opacas e perdidas, e a gélida terra
Rodava a cego em negra ausência de luar;
A aurora veio e foi-se, sem trazer o dia;
E os homens esqueceram as paixões no medo
De sua própria morte; e cada coração
Gelou-se em egoísta prece pela luz:
E eles viveram junto a fogueiras — e os troncos,
Os palácios de reis coroados — cabanas,
As moradas de todas as coisas que existem,
Foram postas ao fogo; cidades arderam,
E os homens ao redor de suas casas em chamas
Vinhavam de novo olhar-se no rosto um do outro;
Felizes os que residiam dentro do olho
Dos vulcões, e de sua tocha montanhosa:
Restava apenas tímida esperança ao mundo;
Florestas incendiavam-se — mas hora a hora
Tombavam e sumiam — e os troncos partindo
Num tombo se apagaram — e tudo era escuro.
Os semblantes dos homens à luz fenecente
Tinham aspecto desumano, como em surtos
Os clarões os tocavam; alguns se deitavam
E encolhidos choravam; outros descansavam
Os queixos em suas mãos unidas e sorriam;
E outros corriam lá e cá e alimentavam
Suas piras com combustível e miravam
Com inquieta loucura para o turvo céu,

A mortalha de um mundo morto; e então de novo
Praguejando tombavam o olhar à poeira,
Rangiam dente e uivavam; as aves gritavam
E apavoradas debatiam-se no solo,
Batendo inúteis asas; as feras mais brutas
Tremiam dóceis; e serpentes rastejavam
E se enroscavam entre os pés da multidão,
Sibilando indefesas — viraram comida.
E a Guerra, que por um momento não havia,
De novo se fartou; comida era comprada
Com sangue, e cada um se saciava à parte,
Devorando tristeza: o amor se acabara;
Toda a terra era um só pensamento — de morte,
Imediata e ingloriosa; e a aflição
Da fome alimentou-se das entranhas — homens
Morreram, insepultos os ossos e as carnes;
O parco pelo parco assim foi devorado,
Cães atacavam mestres, todos menos um,
Que era fiel a um cadáver e mantinha
Longe pássaros, feras e homens esfaimados,
Até vencê-los fome ou um morto tombando
Chamar seus dentes rotos; ele não caçava,
Porém com um constante e tristonho gemido,
E súbito ganido ao que lambia a mão
Que não lhe respondia um carinho — morreu.
As massas se esfaimavam aos poucos; mas dois
De uma enorme metrópole sobreviveram,
Eram dois inimigos: ambos se encontraram
Junto das brasas morituras de um altar
Onde houvera uma pilha de objetos sagrados
Para um uso profano; com gélidas mãos

Esqueléticas, revolveram e rasparam
As débeis cinzas e soprando débil sopro
De brevíssima vida fizeram um fogo
Que era patético; depois os dois ergueram
Os olhos ao esclarecer um pouco e olharam
Seu mútuo aspecto — viram, gritaram, morreram —
Da sua própria hediondez eles morreram,
Incôncios de quem era o semblante em que a fome
Escrevera Inimigo. O mundo estava vago,
O populoso e poderoso era um torrão,
Sem estações, sem plantas, sem homens, sem vida —
Torrão de morte — caos perfeito em dura argila.
Os rios, os lagos e oceanos se sustinham,
E nada se movia em seu cerne silente;
Navios sem nautas apodreciam no mar,
E seus mastros se esfarelavam: ao cair
Dormiam sobre o abismo sem tensão nenhuma —
As ondas, todas mortas; as marés, na tumba;
Os ventos feneceram no ar estagnado,
E as nuvens pereceram; a Escuridão já
Não precisava delas — Ela era o Universo.

PROMETHEUS

I

Titan! to whose immortal eyes
The sufferings of mortality,
Seen in their sad reality,
Were not as things that gods despise;
What was thy pity's recompense?
A silent suffering, and intense;
The rock, the vulture, and the chain,
All that the proud can feel of pain,
The agony they do not show,
The suffocating sense of woe,
Which speaks but in its loneliness,
And then is jealous lest the sky
Should have a listener, nor will sigh
Until its voice is echoless.

II

Titan! to thee the strife was given
Between the suffering and the will,
Which torture where they cannot kill;
And the inexorable Heaven,
And the deaf tyranny of Fate,
The ruling principle of Hate,
Which for its pleasure doth create
The things it may annihilate,
Refused thee even the boon to die:
The wretched gift Eternity

Was thine—and thou hast borne it well.
All that the Thunderer wrung from thee
Was but the menace which flung back
On him the torments of thy rack;
The fate thou didst so well foresee,
But would not to appease him tell;
And in thy Silence was his Sentence,
And in his Soul a vain repentance,
And evil dread so ill dissembled,
That in his hand the lightnings trembled.

III

Thy Godlike crime was to be kind,
To render with thy precepts less
The sum of human wretchedness,
And strengthen Man with his own mind;
But baffled as thou wert from high,
Still in thy patient energy,
In the endurance, and repulse
Of thine impenetrable Spirit,
Which Earth and Heaven could not convulse,
A mighty lesson we inherit:
Thou art a symbol and a sign
To Mortals of their fate and force;
Like thee, Man is in part divine,
A troubled stream from a pure source;
And Man in portions can foresee
His own funereal destiny;
His wretchedness, and his resistance,
And his sad unallied existence:

To which his Spirit may oppose
Itself—and equal to all woes,
 And a firm will, and a deep sense,
Which even in torture can descry
 Its own concenter'd recompense,
Triumphant where it dares defy,
And making Death a Victory.

PROMETHEU

I

Titã!, a cujos olhos imortais
As aflições da vã mortalidade,
Vistas em sua triste realidade,
Não eram vis tal como aos divinais.
Qual foi por tua pena a recompensa?
Penar, calado, as dores mais intensas;
A pedra, abutre, os elos da corrente,
E tudo que atormenta o insolente,
No aperto não irão porém expô-lo:
Teu senso em sufocante desconsolo,
Que fala tão somente em solidão,
Zeloso pra que o céu então não vá
Ouvi-lo — nem mesmo há de suspirar
Até que encontre a voz um eco em vão.

II

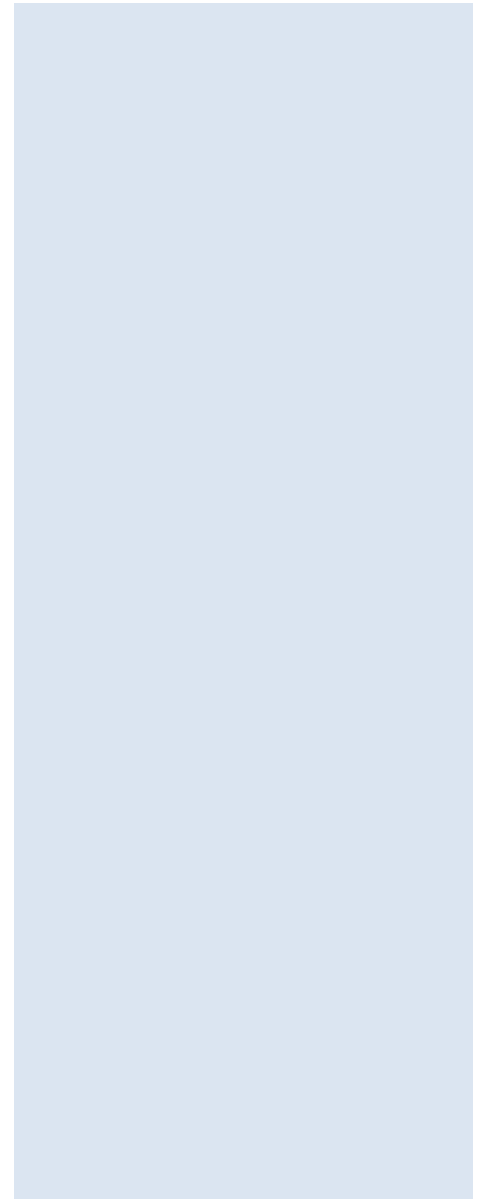
Titã!, conflito assim te concebeu,
Cercado de vontade e de amargura,
Que o que não matam, gastam na tortura;
Assim também o inexorável Céu,
E assim do Fado a surda tirania,
Do Ódio assim a régia primazia,
Que por puro prazer então nutria
As mesmas coisas que aniquilaria,
Te recusaram a mercê da morte:
A Eternidade, malfadado dote,

Foi tua — e tu a suportaste bem.
Tudo que te extorqui o Trovejante
Foi a ameaça que se dissemina
Nele por teus tormentos, tua ruína:
O fado já tão bem previras antes,
Mas dizê-lo traria mais desdém;
E em teu Silêncio fez-se sua Sentença,
E em sua Alma, vaga penitência;
De horror, dissimulado quanto fosse,
A mão de seu relâmpago abalou-se.

III

Teu crime Divinal foi gentileza,
Tornar menores com os teus preceitos
As dores dos humanos imperfeitos
E dar à mente do Homem fortaleza;
Mas do alto como foste degredado,
Ainda em teu vigor obstinado,
Na tua paciência, na repulsa
De todo o teu Espírito insondável,
Que nem a Terra nem o Céu convulsam,
Nós aprendemos algo perdurável:
Tu és um símbolo, tu és sinal
Aos mortais de seu fado e sua fúria;
O Homem tem sua parte divinal,
Um fluxo conturbado em fonte pura;
Pelo Homem pode ainda ser previsto,
Em parte, seu destino tão sinistro;
E sua desgraça, e sua resistência,
Sua desunida e lúgubre existência:

À qual o Espírito se possa opor
Por si — e assim igual a toda dor:
 Vontade firme, e funda sua consciência,
A quem mesmo em tortura é bem notória
 Sua própria concentrada recompensa,
Triunfante onde ousa expor-se em glória,
Tornando a Morte marca da Vitória.



SO, WE'LL GO NO MORE A ROVING

I

So, we'll go no more a roving
So late into the night,
Though the heart be still as loving,
And the moon be still as bright.

II

For the sword outwears its sheath,
And the soul wears out the breast,
And the heart must pause to breathe,
And love itself have rest.

III

Though the night was made for loving,
And the day returns too soon,
Yet we'll go no more a roving
By the light of the moon.

ENTÃO NÃO SAIREMOS MAIS ERRANTES

I

Então não sairemos mais errantes
Tão tarde pela madrugada,
Por mais que o coração clamar amante,
Por mais que a lua brilhe prateada.

II

Pois o arco se desgasta a cada tiro,
E a alma faz o peito desgastar-se,
E o coração requer algum respiro,
E o próprio amor quer descansar-se.

III

Por mais que a noite seja dos amantes,
E o dia volte rápido demais,
Nós já não sairemos mais errantes
À luz da lua nunca mais.

REFERÊNCIAS

BYRON, George Gordon. **Beppo: uma histórizza veneziana**. Introdução e tradução de Paulo Henriques Britto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. **Byron: Poetical Works**. London/New York/Toronto: Oxford University Press, 1967.

